

OURO

Corrida da mineração na Amazônia

por Sérgio Danilo do Rio

A Amazônia será, dentro de alguns anos, a maior potência aurífera mundial, principalmente nas regiões de fronteira ao longo de igarapés ou no fundo das águas barrentas e perigosas dos grandes rios. Quem reconhece e reflete hoje esta tendência são os técnicos e especialistas do maior país produtor mundial de ouro e diamantes: a África do Sul, disse sexta-feira, no Rio, depois de visitar por quinze dias os garimpos daquele país, José Altino Machado, o líder garimpeiro de 250 mil homens e presidente da União dos Sindicatos e Associações de Garimpeiros a Amazônia.

Nos últimos anos, a região amazônica vem vivendo uma grande explosão na atividade mineradora, tanto da parte das empresas mineradoras quanto dos garimpeiros — o que a tornou palco de conflitos como a revolta dos garimpeiros na região de Surucucu (AM) em fevereiro de 1985.

que para Machado significou o primeiro protesto dos garimpeiros a uma situação que perdura até hoje: "Apesar de produzirmos 90% do ouro brasileiro, somos ainda marginalizados na sociedade e na economia brasileira, mesmo produzindo um metal forte que se transforma em dinheiro".

"No momento, o garimpo brasileiro é formado por 2 mil concessões livres ou áreas de garimpo", disse Machado. Distribuído na região amazônica, o total de garimpeiros é estimado em 650 mil homens (só nos garimpos de Tapajós os garimpeiros formam um batalhão de 380 mil homens).

Essa força de trabalho, marginalizada pelos partidos políticos e pelo governo, disse, gera anualmente, com sua produção, uma comercialização local equivalente a US\$ 2 bilhões — sem nenhum benefício social para essa comunidade. A Assembleia Nacional Constituinte precisa definir o subsolo brasileiro e garantir ao garimpeiro o

exercício legal de sua atividade, adverte Machado.

Hoje, toda a região amazônica vive um período sem conflitos — mas essa mesma região está toda requerida por empresas privadas, pessoas físicas e grupos econômicos multinacionais —, sem nenhuma consulta à população garimpeira ou uma proposta de "zoneamento mineral". É preciso rever esses critérios, já que o modelo da nova Constituição a ser discutida não alterou essas concessões — por forte pressão das bancadas conservadoras no Congresso Nacional, destacou.

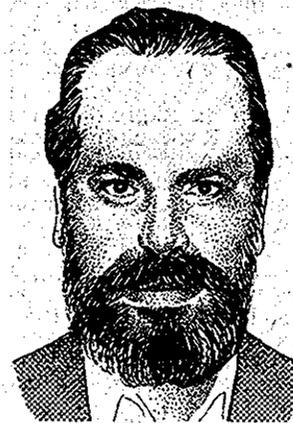
Antes era o Código Brasileiro de Mineração que não reconhecia a atividade garimpeira; agora, o mais greve, alerta Machado, é a nova Constituição que nem toca no assunto. "Vamos reclamar nesta semana aos constituintes sobre essa falha e também ao Conselho de Segurança Nacional", único órgão que, segundo Machado, tem protegido os garimpeiros de novos conflitos com a iniciativa privada.

A União dos Garimpeiros

por Sérgio Danilo do Rio

No Brasil, de todas as atividades econômicas a garimpagem do ouro e do diamante obedece às mesmas leis não escritas, conserva o mesmo linguajar e exerce o mesmo fascínio nos homens, mulheres e crianças, desde o descobrimento do País: fazer fortuna na descoberta de pepitas ou pedras preciosas ou continuar na ilusão de que a descoberta virá.

O mineiro de Governador Valadares, José Altino Machado, 45 anos, casado, pai de duas filhas, depois de um bom curso técnico, na Escola Técnica de Friburgo, (RJ), e de obter seu brevê de piloto comercial, seguiu, em 1967, para o Amapá. Depois de 16,5 mil horas de voo, a metade na Amazônia, convivendo com cam-



José Altino Machado

pos de pouso clandestinos, de aprender técnicas de pouso em pistas de 100 metros e correndo todos os riscos da selva, Altino criou uma microempresa e já possui sete aviões mo-

nomotores, que com seus auxiliares formam o comando pioneiro na caça das pepitas de ouro.

Presidente do maior conglomerado de futuras microempresas produtoras de ouro e outros minerais, aguardando regulamentação na Constituinte, a combativa União dos Sindicatos e Associações de Garimpeiros da Amazônia faz deste piloto brasileiro seu porta-voz diário. Impedido de falar na Assembleia Nacional Constituinte pelas forças conservadoras, ele prefere dialogar com empresários, visitar o Conselho de Segurança Nacional e aguardar que o ministro Aureliano Chaves o convide para sentar à mesa e influir na criação do estatuto da garimpagem. Não anda armado por nada temer, tendo como único código o respeito ao próprio homem.

A distribuição da renda

por Sérgio Danilo do Rio

No garimpo, um trabalhador ganha mensalmente CZ\$ 35 mil no mínimo, disse José Altino. Toda a renda de uma frente de barranco ou de um garimpo obedece a uma distribuição econômica: 30% vai para o "peão garimpeiro", 40% para pagamento das despesas de comida, transporte e serviços técnicos e os 30% restantes ficam com o empreendedor do garimpo. Ninguém se preocupa com o futuro, desconta o INPS ou tem carteira assinada, todos se consideram autônomos. Usam o dinheiro arrecadado com a venda (existem 13 mil compradores registrados), segundo a instrução recebida, com-

prando desde colares de ouro bruto até carros, tratores, caminhões e minifazendas, todas a vista. Não se aceitam cheques no garimpo e vale somente a palavra do garimpeiro.

PEQUENO GLOSSÁRIO DO GARIMPO

Avaliador — É quem diz quanto vale a moeda ou o diamante. Trabalha para o comprador: a Caixa Econômica ou o joalheiro.

Capangueiro — Comprador de ouro e diamante. Só faz negócio a vista e a dinheiro.

Dono da água ou da terra — É quem faz o acúde no caso do diamante ou abre a picada da reserva mineral de ouro. Responsável pelo pagamento da porcentagem quando tem dono a terra escolhida.

LIMITES DA PRODUÇÃO DE OURO

A produção esperada de ouro entre o descaminho e a produção legalizada poderá ser de 80 a 150 toneladas neste ano. Segundo o líder garimpeiro, a produção no ano passado foi a mais baixa da história do garimpo no Brasil: 30 toneladas. "Atingimos o pico", admitiu.

O grande problema, além da falta de água potável, de comida e de alojamentos condizentes, nas áreas garimpeiras, é a falta de transporte. Todo o transporte entre os grandes centros e os garimpos é feito por aviões pequenos que devem levar desde o abastecimento alimentício para as frentes aos equipamentos. A frota da aviação garimpeira é de 650 aviões

na região Norte, revelou Altino, e os aviões pequenos fabricados pela Embraer não resistem, são frágeis para o transporte. O governo brasileiro ainda não decidiu usar um avião do tipo "Casa", fabricado na Espanha, que carrega até 3 toneladas de equipamentos, o ideal para as pistas da Amazônia.

Também, conforme assinalou, é preciso melhorar a tecnologia de produção do garimpeiro. Por isso a entidade presidida por Altino sugeriu ao Ministério das Minas e Energia criar uma subsidiária da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM) para transferir tecnologia aos pequenos garimpos. A garimpagem está mecanizando-se e o ano passado 18 mil bombas-motores foram vendidas na Amazônia ao custo de CZ\$ 50 mil cada uma, e este número pode aumentar.

No rio Madeira, de acordo com seu relato, o número de balsas de pesquisa e produção de ouro subiu de 1.800 para 4 mil, ampliando a presença do garimpo. Dentro do Projeto Calha Norte há ocorrências de ouro, diamantes, cassiterita, carvão mineral e topázio, e as novas áreas promissoras onde se formam novos contingentes garimpeiros são: as áreas do Oiapoque, no Amapá; Traíra, na fronteira do Brasil com a Colômbia; e Parimã, entre Roraima e Venezuela. A criação de cooperativas é mal vista pelos garimpeiros, disse, principalmente a criada em Piacás, em Mato Grosso, vinda de cima para baixo e ainda sem apoiar tecnicamente o garimpeiro.

A EXPERIÊNCIA DA ÁFRICA DO SUL

"Visitamos os garimpos organizados da África do

Sul", disse Altino, e recebeu uma proposta daquele país de ajudar tecnologicamente os garimpeiros brasileiros a recuperar a perda de 45% do ouro na produção. Existem 160 mil garimpeiros na África do Sul, onde a atividade é legalizada, e não há conflitos entre os 600 mil trabalhadores nas minas. Eles trabalham com o rejeito das empresas de mineração e convivem num clima de cordialidade e respeito. Por isso, afirmou, é preciso um programa alternativo para a produção garimpeira, e o Centro de Tecnologia Mineral (Cetem), no Rio, poderia estudar a proposta sul-africana mecanizando o garimpo e transformando a garimpagem livre em microempresas, o que geraria 1,5 milhão de novos proprietários minerais no Norte do País, acabando com o inchaço das cidades", concluiu.